

Evolução do Excesso de peso no Brasil em dez anos: diferenças regionais

O Brasil, com sua vasta extensão territorial e diversidade sociocultural, apresenta desafios únicos no campo da saúde pública. Dentre esses desafios, destaca-se a necessidade de garantir uma nutrição adequada para todos os seus cidadãos, especialmente para as crianças, que estão nas fases críticas de crescimento e desenvolvimento.

A nutrição adequada durante a infância e adolescência é fundamental para garantir não apenas um crescimento físico saudável, mas também um bom desenvolvimento cognitivo e emocional. Crianças desnutridas ou com excesso de peso são mais propensas a enfrentar uma série de problemas de saúde, tanto imediatos quanto a longo prazo, e podem ter seu potencial de vida reduzido devido a complicações associadas à má nutrição.

O acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal, conhecido como excesso de peso (abrangendo sobrepeso e obesidade), é uma preocupação crescente em todo o mundo. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), esse fenômeno pode ter implicações prejudiciais à saúde. A ferramenta padrão para avaliar o excesso de peso é o Índice de Massa Corporal (IMC), um cálculo que leva em conta o peso em relação à altura. Especificamente para crianças menores de 5 anos, o IMC é comparado a padrões de crescimento da OMS. Isso permite categorizar essas crianças em grupos como abaixo do peso, peso adequado, sobrepeso ou obesidade, levando em consideração tanto a idade quanto o sexo.

Nesse contexto, monitorar a saúde e nutrição das crianças torna-se de suma importância. Indicadores como o peso-idade são ferramentas essenciais nesse monitoramento, fornecendo insights sobre a situação nutricional das crianças e permitindo a identificação precoce de problemas. Mais do que simples números, esses indicadores refletem a saúde da próxima geração e, por extensão, o futuro do país.

Dado o cenário diversificado do Brasil, com suas várias regiões apresentando características distintas em termos de cultura, economia e acesso a recursos, torna-se crucial avaliar e entender as diferenças regionais. Isso permite que políticas e intervenções sejam mais bem direcionadas, atendendo às necessidades específicas de cada região.

Nesta análise, voltamos nossa atenção para a situação de excesso de peso em crianças menores de 5 anos e adolescentes no Brasil e suas regiões. Por meio dos dados fornecidos pelo SISVAN-web, buscamos compreender a evolução desse indicador ao longo de uma década (2013-2022), com foco em identificar tendências, picos e diferenças regionais. Esta avaliação é um passo essencial para informar políticas públicas e ações de saúde que visem melhorar a nutrição e o bem-estar das crianças brasileiras.

Metodologia de Análise da Situação de Peso-Idade em Crianças Menores de 5 Anos

1. Fonte de Dados:

Os dados utilizados para esta análise foram obtidos do SISVAN-web, uma ferramenta de monitoramento de indicadores de saúde e nutrição (<https://sisaps.saude.gov.br/sisvan/relatoriopublico/index> dados extraídos em 29 de setembro de 2023).

2. Período de Estudo:

A análise abrangeu um período de 10 anos, de 2013 a 2022.

3. População-alvo:

O foco da análise foi em crianças com menos de 5 anos de idade e adolescentes entre 10 e 18 anos. Estes grupos etários são cruciais para a avaliação, pois representam fases críticas de crescimento e desenvolvimento.

4. Indicadores:

O indicador principal avaliado foi a situação do Índice de Massa Corporal em relação à idade (IMC x idade), um indicador amplamente reconhecido e utilizado para avaliar o estado nutricional de crianças.

O indicador IMC x idade combina informações sobre peso e altura para calcular o Índice de Massa Corporal (IMC) e, em seguida, compara esse IMC com padrões de idade para identificar crianças e adolescentes que estão abaixo, dentro ou acima do peso esperado para sua idade. Ele é especialmente útil para avaliar a obesidade, uma vez que leva em consideração tanto o peso quanto a altura da criança, oferecendo uma perspectiva mais holística do estado nutricional em comparação com apenas o peso ou a altura isoladamente.

5. Análise:

Os dados foram analisados para identificar tendências ao longo do tempo, diferenças regionais, picos e outros padrões relevantes. A análise também buscou entender a evolução da situação e identificar áreas ou períodos de preocupação particular.

Esta metodologia forneceu uma visão abrangente da situação de peso-idade em crianças menores de 5 anos e adolescentes no Brasil e suas regiões durante o período de 2013 a 2022.

6. Limitações:

O uso do SISVAN-web para avaliar a situação nutricional antropométrica tem suas vantagens, dada sua abrangência e foco na vigilância nutricional. No entanto, há várias limitações que devem ser consideradas ao interpretar os dados e tirar conclusões:

Cobertura e Representatividade: Embora o SISVAN-web tenha uma ampla cobertura, pode não cobrir todas as áreas ou populações do Brasil de maneira uniforme. Algumas regiões ou grupos populacionais podem estar sub-representados.

Atualização e Qualidade dos Dados: A frequência e consistência das atualizações de dados podem variar. Além disso, a qualidade dos dados inseridos pode ser variável, levando a possíveis imprecisões.

Atrasos na Disponibilização: Como em muitos sistemas de vigilância, pode haver um atraso entre a coleta de dados e sua disponibilização para análise, o que pode não refletir a situação atual.

Possíveis Falhas Técnicas: Como qualquer sistema baseado na web, o SISVAN-web pode enfrentar falhas técnicas, erros de entrada ou problemas de integridade de dados.

Em resumo, enquanto o SISVAN-web é uma ferramenta valiosa para monitorar o estado nutricional antropométrico no Brasil, sendo crucial reconhecer suas limitações e interpretar os dados com cautela.

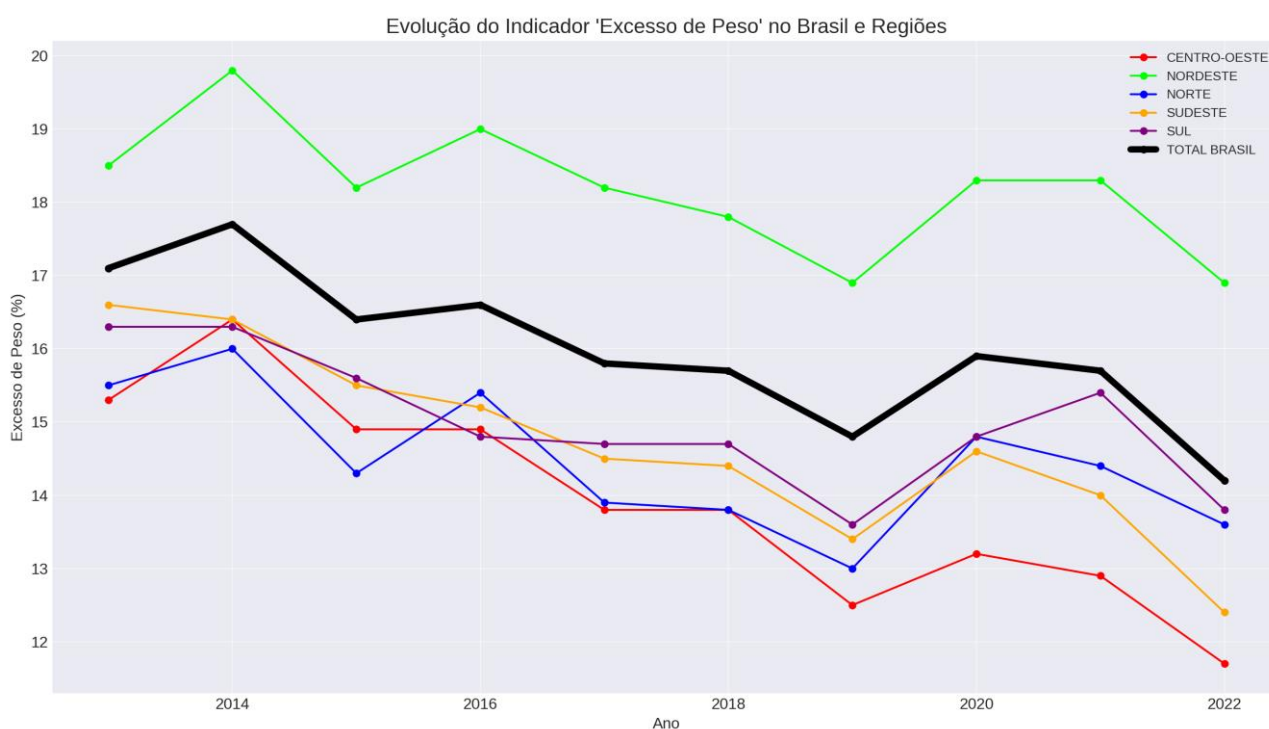
Resultados:

Excesso de peso infantil (< 5 anos):

Em 2022, para crianças com menos de cinco anos de idade, as diferenças regionais no indicador "Excesso de Peso" mostram nuances importantes no Brasil. O Nordeste lidera com o maior percentual, com 16,9% das crianças nessa faixa etária apresentando excesso de peso. Esse valor supera a média nacional, que é de 14,2%. Seguindo o Nordeste, temos o Sul e o Norte com percentuais próximos de

13,8% e 13,6%, respectivamente. O Sudeste apresenta 12,4%, enquanto o Centro-Oeste, com 11,7%, possui o menor percentual entre todas as regiões. Esses dados indicam que, apesar das variações regionais, o excesso de peso em crianças menores de cinco anos é um desafio em todo o país.

Considerando a série histórica (variação percentual anual média), foi observado que o indicador de Excesso de Peso para crianças com menos de cinco anos tem mostrado uma tendência de queda nas diferentes regiões do Brasil. O Centro-Oeste lidera com a maior redução média anual de 2,75%, embora os valores sejam bastante dispersos, como evidenciado por uma variância de 2,056. Surpreendentemente, o Sudeste segue de perto com uma queda média anual de 3,05%. O Nordeste e o Norte têm reduções mais modestas, com 0,83% e 1,15%, respectivamente. O Sul também observou uma diminuição, com uma taxa média anual de 1,68%. No geral, o Brasil como um todo viu o indicador cair em média 1,91% ao ano.



Entre 2019 e 2021, todas as regiões brasileiras viram um aumento no indicador de "Excesso de Peso" para crianças com menos de cinco anos, segundo dados recentes. A região Sul lidera a lista com um preocupante aumento de 13,24%, o que se traduz em um crescimento de 1,8 pontos percentuais, passando de 13,6% para 15,4%.

O Nordeste e o Norte não ficaram muito atrás, ambos apresentando um aumento de 1,4 pontos percentuais. Em termos percentuais, isso representa um crescimento de 8,28% para o Nordeste e 10,77%

para o Norte. Enquanto isso, o Sudeste e o Centro-Oeste tiveram crescimentos mais modestos. O Sudeste viu o indicador subir 0,6 pontos percentuais (um aumento de 4,48%), enquanto o Centro-Oeste teve um crescimento de 0,4 pontos percentuais, ou 3,2%. Em nível nacional, o Brasil experimentou um aumento de 0,9 pontos percentuais no "Excesso de Peso", representando um crescimento de 6,08% no período.

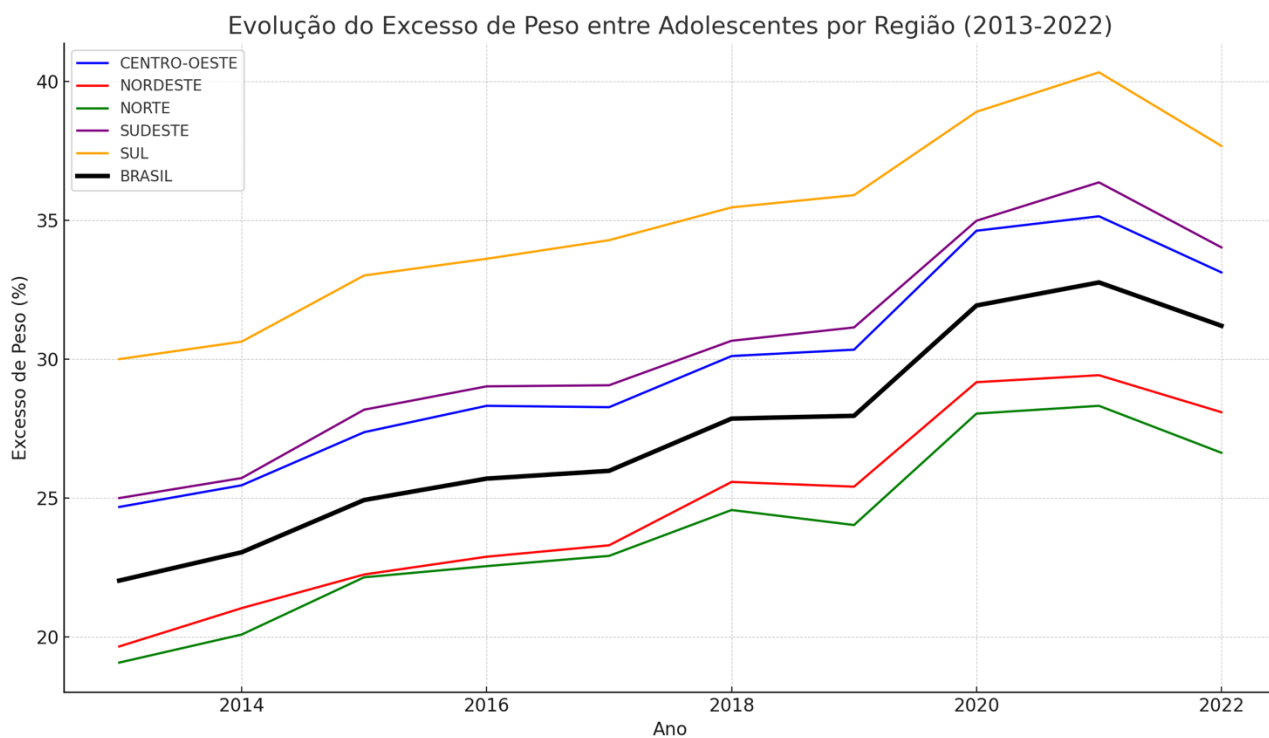
Comparando os anos de 2021 e 2022, todas as regiões do Brasil registraram uma diminuição neste indicador quando comparadas ao ano anterior. O Sudeste liderou a tendência de redução, com uma queda de 1,6 pontos percentuais no indicador, uma diminuição de 11,43%. A região Sul seguiu de perto com a mesma redução de 1,6 pontos percentuais, embora em termos percentuais tenha sido uma diminuição de 10,39%. O Nordeste e o Centro-Oeste também viram reduções significativas de 1,4 e 1,2 pontos percentuais, respectivamente. Isso representa uma queda de 7,65% para o Nordeste e 9,30% para o Centro-Oeste.

A região Norte, por sua vez, registrou uma diminuição mais modesta de 0,8 pontos percentuais, equivalente a uma redução de 5,56%. No panorama geral, o Brasil apresentou uma redução de 1,5 pontos percentuais no "Excesso de Peso", uma diminuição de 9,55% em relação a 2021.

Excesso de peso entre adolescentes (10 a 18 anos):

Em 2022, a análise do excesso de peso entre adolescentes nas diversas regiões do Brasil revelou diferenças regionais significativas. Na região Centro-Oeste, constatou-se que 33,1% dos adolescentes estavam com excesso de peso. No Nordeste, esse índice foi ligeiramente menor, alcançando 28,1%. A região Norte apresentou o menor percentual entre as regiões analisadas, com 26,6% dos adolescentes com excesso de peso. Em contrapartida, o Sudeste exibiu um percentual de 34,0%, enquanto a região Sul registrou o maior índice, com 37,7% dos adolescentes com excesso de peso. Quando se considera a média nacional, verifica-se que 31,2% dos adolescentes brasileiros estavam com excesso de peso em 2022.

Todas as regiões exibiram uma variação crescente, sinalizando um incremento contínuo do excesso de peso entre os jovens. Especificamente, a região Nordeste destacou-se com a maior taxa média de crescimento, registrando 4,2%, enquanto a região Sul mostrou a menor, com 2,6%. Ao avaliar a variância, que oferece uma perspectiva sobre a dispersão das variações percentuais anuais, a região Norte apresentou a maior variabilidade, com uma variância de 46,1, contrastando com a região Sul, que evidenciou uma tendência mais estável, com uma variância de 18,6.



Entre 2019 e 2021, observou-se uma tendência crescente no excesso de peso entre adolescentes em todas as regiões do Brasil. Nacionalmente, o Brasil apresentou um ganho percentual de 17,2% nesse indicador, correspondendo a um aumento de 4,8 pontos percentuais. Na análise regional, a região Norte destacou-se com o maior ganho percentual, registrando 17,9%, seguida de perto pelo Centro-Oeste e Sudeste, com 15,8% e 16,8%, respectivamente. O Sul, por sua vez, evidenciou o menor crescimento percentual, com 12,3%. Em termos absolutos, ou seja, em pontos percentuais, a região Sudeste apresentou o maior aumento, com 5,2 pontos, enquanto o Nordeste teve o menor, com 4,0 pontos.

Ao comparar o excesso de peso entre os anos de 2021 e 2022, observamos as seguintes tendências nas regiões brasileiras: em âmbito nacional, o Brasil apresentou uma redução percentual de 4,8% no excesso de peso entre adolescentes, o que corresponde a uma diminuição de 1,56 pontos percentuais. Regionalmente, a região Sudeste evidenciou a maior queda percentual de 6,4%, equivalente a uma redução de 2,34 pontos percentuais. A região Sul seguiu com uma diminuição percentual de 6,6%, representando uma queda de 2,65 pontos. As regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram reduções percentuais de 6,0% e 5,7%, correspondendo a diminuições de 1,69 e 2,02 pontos percentuais, respectivamente. Por fim, o Nordeste teve a menor queda percentual de 4,5%, com uma redução de 1,33 pontos percentuais. Estes dados indicam uma inversão na tendência crescente do excesso de peso entre os adolescentes observada nos anos anteriores, com todas as regiões apresentando uma redução nesse indicador entre 2021 e 2022.

Conclusão:

Uma em cada dez crianças com menos de cinco anos no Brasil está com excesso de peso, sendo essa proporção ainda mais desfavorável para adolescentes, que tem uma proporção de um entre três apresentando essa situação nutricional.

Tanto crianças quanto adolescentes brasileiros apresentam índices de excesso de peso que superam as médias globais, indicando um problema significativo e crescente de saúde pública na região. Para crianças menores de cinco anos no Brasil, a prevalência do excesso de peso atingiu 14,2% em 2022, um valor quase três vezes mais alto que a média global de 5,6% e à média da América Latina e Caribe de 8,6% no mesmo ano. Apesar das tendências de redução observadas em 2022, esses números ainda são preocupantes e ressaltam a necessidade de abordagens direcionadas.

Em relação aos adolescentes, a situação torna-se ainda mais crítica. No Brasil, em 2022, a média nacional apontou que 31,2% dos adolescentes entre 10 a 18 anos estavam com excesso de peso. Essa cifra é superior à média global de 18,2%, e um pouco maior que a média da América Latina (30,6%) para crianças e adolescentes dos 5 aos 19 anos registrada em 2016 e destaca a gravidade da situação na região.

Para crianças menores de cinco anos, o ano de 2022 trouxe evidências de redução em todas as regiões do país em comparação a 2021, revertendo a tendência de aumento observada entre 2019 e 2021. O Nordeste se destaca com o maior índice de crianças com excesso de peso, mas, ao mesmo tempo, apresenta uma tendência de redução mais modesta na série histórica. É digno de nota que, apesar do Centro-Oeste apresentar o menor percentual de crianças com excesso de peso, liderou em termos de redução anual média. Esse quadro reforça a necessidade de medidas e intervenções regionalizadas, considerando as particularidades de cada região.

No contexto dos adolescentes, o excesso de peso torna-se ainda mais alarmante, com índices ultrapassando os 30% em várias regiões. O Sul e o Sudeste mostram os maiores percentuais, enquanto o Norte apresenta o menor. No entanto, é o Nordeste que apresenta a maior taxa média de crescimento na série histórica, sinalizando um problema crescente. Felizmente, entre 2021 e 2022, todas as regiões mostraram uma redução no excesso de peso entre os adolescentes, invertendo a tendência crescente anterior. No entanto, essa redução não anula a necessidade de uma abordagem contínua e intensificada, dada a alta prevalência do problema.

As tendências relativas ao excesso de peso em crianças e adolescentes no Brasil revelam uma dicotomia preocupante. Enquanto em crianças com menos de cinco anos observa-se uma tendência decrescente, especialmente entre 2021 e 2022, nos adolescentes entre 10 a 18 anos a situação é inversa, com uma tendência crescente do excesso de peso. Esta divergência aponta para a complexidade da questão nutricional e os distintos fatores que influenciam cada faixa etária. Esses dados ressaltam a necessidade de políticas e intervenções diferenciadas que atendam às especificidades de cada grupo, reconhecendo que as causas do excesso de peso podem variar entre crianças e adolescentes.

Em suma, enquanto o Brasil enfrenta desafios significativos relacionados ao excesso de peso em crianças e adolescentes, essas tendências refletem um panorama mais amplo de desafios de saúde em toda a América Latina e Caribe. As intervenções de saúde pública, além de serem regionalizadas, devem também ser vistas em um contexto internacional, onde a colaboração e aprendizado mútuo entre nações podem ser essenciais para reverter essas tendências preocupantes.

Observa Infância

O Observatório de Saúde na Infância (Observa Infância) é uma iniciativa de divulgação científica para levar ao conhecimento da sociedade dados e informações sobre a saúde de crianças de até 5 anos. O objetivo é ampliar o acesso à informação qualificada e facilitar a compreensão sobre dados obtidos junto aos sistemas nacionais de informação. As evidências científicas trabalhadas são resultado de investigações desenvolvidas pelos pesquisadores Patricia e Cristiano Boccolini no âmbito do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict/Fiocruz) e da Faculdade de Medicina de Petrópolis do Centro Universitário Arthur de Sá Earp Neto (FMP/Unifase), com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Bill e Melinda Gates.

Cristiano Boccolini é graduado em Nutrição pela Universidade Federal Fluminense (UFF), possui doutorado em Epidemiologia em Saúde Pública (2012) pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (Ensp/Fiocruz), com doutorado sanduíche na "University of California - Berkeley" e pós-doutorado na Universidade de Yale. Atualmente, é pesquisador do Laboratório de Informação em Saúde do Icict/Fiocruz, professor dos programas de pós-graduação em Epidemiologia em Saúde Pública (Ensp/Fiocruz) e em Informação e Comunicação em Saúde (Icict/Fiocruz). Tem experiência na área de

Epidemiologia Social, com ênfase em Inquéritos em Saúde, além de Big Data e gerenciamento de grandes bancos de dados. Os temas mais recorrentes de estudo são Saúde Materno-Infantil, Epidemiologia Nutricional, Nutrição Materno-Infantil e Aleitamento Materno, incluindo outros temas, como políticas públicas de saúde, sistemas públicos de informação em saúde e séries temporais.